

IMAGINÁRIOS ALGORÍTMICOS NOSTALGIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM VÍDEOS SOBRE O RIO DE JANEIRO NO INSTAGRAM

ALGORITHMIC IMAGINARIES: NOSTALGIA AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN VIDEOS ABOUT RIO DE JANEIRO ON INSTAGRAM

Talita Souza Magnolo ¹
Pedro Augusto Silva Miranda ²

Resumo

Este artigo analisa vídeos publicados na página @dougigsouza que recriam, por Inteligência Artificial, atmosferas do passado da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo é compreender como a nostalgia é mediada quando o passado não é construído a partir de arquivos, mas gerado por algoritmos. O estudo articula debates sobre imaginário urbano, nostalgia nas mídias, memória e cultura digital, com atenção às temporalidades urbanas e aos elementos nostálgicos, presentes nos vídeos. Metodologicamente, aplica-se o estudo de caso aos vídeos selecionados, observando imagens, sons, montagem, marcas de época e efeitos de presença. Os resultados indicam a produção de uma memória sintética marcada pela idealização do espaço urbano, pela flexibilização temporal e pela atenuação de conflitos históricos, configurando a inteligência artificial como tecnologia contemporânea de mediação da nostalgia urbana nas mídias digitais.

Palavras-chave

Imaginário Urbano; Nostalgia; Inteligência Artificial; Instagram; Rio de Janeiro.

Abstract

This article analyzes videos published on the Instagram page @dougigsouza that recreate atmospheres of Rio de Janeiro's past through artificial intelligence. The objective is to understand how nostalgia is mediated when the past is not constructed from historical archives but generated by algorithms. The study engages debates on media nostalgia, urban imaginary, memory and digital culture, with attention to urban temporalities and verisimilitude effects. Methodologically, the research adopts a case study approach, based on a qualitative analysis of the audiovisual materiality of selected videos. The results indicate the production of a synthetic memory marked by the idealization of urban space, temporal flexibility and the attenuation of historical conflicts, positioning artificial intelligence as a contemporary technology for mediating urban nostalgia in digital media.

Keywords

Urban Imaginary; Nostalgia; Artificial Intelligence; Instagram; Rio de Janeiro.

¹ Doutora e mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFJF. Professora Adjunta na Universidade Federal de Lavras. Coordenadora do Grupo de Pesquisa (CNPq) Memória. E-mail: talita.magnolo@ufla.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6240-388X>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2505919701713031>.

² Doutor e mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFJF. Pesquisador no grupo de pesquisa "Narrativas Midiáticas e Dialogias" (CNPq/UFJF). E-mail: miranda.pedrosilva@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4599-7225>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3854466346192450>.

Introdução

A presença da nostalgia nas mídias contemporâneas tem se afirmado como um dos fenômenos mais expressivos da cultura digital. Em contextos marcados pela aceleração do tempo, pela instabilidade social e pela intensificação dos fluxos comunicacionais, o passado emerge como repertório simbólico privilegiado, mobilizado por diferentes produtos midiáticos, plataformas e discursos. Longe de se restringir a um sentimento individual, a nostalgia assume, nesse cenário, contornos culturais, estéticos e políticos, atravessando narrativas audiovisuais, práticas de consumo e disputas de memória.

No campo dos estudos de mídia, a nostalgia tem sido amplamente discutida como uma forma de mediação temporal, capaz de reorganizar afetos, memórias e imaginários em relação ao presente. A intensificação desse fenômeno nas últimas décadas está diretamente associada às transformações tecnológicas e às dinâmicas da cultura digital, que ampliaram o acesso a arquivos, facilitaram a circulação de imagens do passado e potencializaram processos de reapresentação e reinterpretação de temporalidades pretéritas. A emergência de sistemas de inteligência artificial generativa acrescenta uma nova camada a esse processo, ao possibilitar a recuperação e a criação sintética de imagens do passado.

Sendo assim, a IA passa a atuar como um dispositivo de mediação da memória, capaz de produzir imagens historicamente verossímeis, sem recorrer necessariamente a registros documentais. Ao gerar cenas, atmosferas e narrativas que evocam outros tempos, esses sistemas inauguram um regime no qual o passado é construído algorítmicamente, a partir da recombinação de repertórios visuais, culturais e afetivos amplamente compartilhados. Tal dinâmica articula noções tradicionais de memória, autenticidade e arquivo, ao mesmo tempo em que amplia as possibilidades de produção de experiências nostálgicas nas mídias digitais.

A cidade, também ocupa lugar central nesse processo. Enquanto espaço simbólico, a cidade é continuamente narrada, imaginada e lembrada por meio de imagens e de discursos midiáticos que selecionam determinados marcos, paisagens e práticas culturais em detrimento de outros. No caso do Rio de Janeiro, essa construção imagética é historicamente marcada por processos de idealização e espetacularização, que recorrem ao passado como elemento legitimador de um imaginário urbano desejável.

É nesse cenário que se insere o presente artigo, que analisa criações audiovisuais produzidas por inteligência artificial e publicadas na página @dougigsouza, no Instagram. Os vídeos em questão recriam atmosferas do passado do Rio de Janeiro, mobilizando estéticas documentais, signos urbanos reconhecíveis e efeitos de verossimilhança que ativam afetos nostálgicos. O objetivo do estudo é compreender de que modo a nostalgia é mediada quando o passado não é construído a partir de arquivos históricos, mas gerado por algoritmos, e quais são as implicações desse processo para a produção da memória urbana no contexto da cultura digital.

Metodologicamente, o artigo adota o estudo de caso como estratégia de investigação dos vídeos selecionados. A análise dos vídeos evidencia que as criações

audiovisuais por inteligência artificial operam como dispositivos ativos de mediação da nostalgia urbana. Os resultados apontam para a recorrência de temporalidades flexíveis, da idealização do espaço urbano e da produção de efeitos de verossimilhança que privilegiam a adesão afetiva em detrimento da precisão histórica. Observa-se a construção de uma memória sintética marcada pela normalização emocional do passado e pela atenuação de conflitos sociais, configurando a inteligência artificial como uma tecnologia de estabilização simbólica do imaginário urbano do Rio de Janeiro no contexto das mídias digitais.

Memória, imaginário urbano e nostalgia na mídia

A memória configura-se como um dos fundamentos na construção do imaginário urbano, operando como um dispositivo simbólico por meio do qual as experiências individuais e coletivas são organizadas, narradas e compartilhadas. A cidade, nesse sentido, além de sua materialidade espacial ou da infraestrutura que a organiza, constitui-se como um campo de significações permanentemente atualizado por práticas culturais, midiáticas e comunicacionais.

Desse modo, a mídia atua de forma significativa nesse processo ao mobilizar fragmentos do passado e do presente, organizar narrativas sobre o espaço urbano e estabilizar imagens que passam a circular socialmente como referências da cidade. Como observa Canclini, as cidades contemporâneas são, em grande medida, “imaginadas” pelos meios de comunicação, que articulam discursos, imagens e afetos capazes de produzir sentidos de pertencimento, reconhecimento urbano e/ou desvinculação (Canclini, 2002).

Nesse contexto, a nostalgia integra os processos de construção de uma memória urbana midiaticamente mediada. Longe de se restringir a uma simples evocação do passado, a nostalgia constitui uma forma específica de relação com o tempo, marcada pela idealização, pela seleção e pela reorganização afetiva de experiências anteriores ou aquelas nunca vividas, mas imaginadas.

Boym (2017) compreende a nostalgia como um sentimento moderno, intrinsecamente ligado às transformações da experiência temporal e espacial promovidas pela modernidade, funcionando como uma resposta às rupturas e às acelerações do presente (Boym, 2017). Trata-se, portanto, de uma emoção, que articula passado, presente e futuro, projetando sobre outros períodos, necessidades e inquietações do agora.

Faz-se necessário levar em consideração a pluralidade das nostalgias, que tem sido compreendida como um fenômeno heterogêneo, ou seja, como um conjunto de práticas, discursos e afetos que se manifestam de modos distintos em diferentes contextos midiáticos e culturais. Sob essa perspectiva, Niemeyer (2018) propõe compreender a nostalgia como um fenômeno liminar, que atravessa dimensões psicológicas, sociais, políticas e culturais, e que se intensifica no contexto das mídias digitais e da cultura da circulação/compartilhamento.

Sendo assim, a nostalgia não se limita à memória vivida, podendo também se referir a passados imaginados, idealizados ou mesmo nunca experienciados diretamente, o que amplia seu alcance simbólico no campo da comunicação.

Como apontado, na cultura midiática, a nostalgia opera como estratégia narrativa recorrente na construção das imagens da cidade. Musse (2008) observa que a televisão e, de modo mais amplo, os produtos audiovisuais participam ativamente da consolidação de imaginários urbanos ao reiterar determinadas representações da cidade, frequentemente associadas a memórias afetivas, marcos simbólicos e experiências compartilhadas.

Essas narrativas audiovisuais tendem a enfatizar aspectos reconhecíveis do espaço urbano, tais como paisagens (Morros do Pão de Açúcar e da Urca, por exemplo), edificações (Theatro Municipal, Copacabana Palace), práticas culturais (carnaval, vivência nas praias), convertendo-os em signos estáveis que alimentam uma memória coletiva seletiva e, muitas vezes, idealizada e intensificada.

Ao analisar a cidade do Rio de Janeiro, Jaguaribe evidencia de modo exemplar como os imaginários urbanos são mobilizados em processos de espetacularização e branding da cidade. Ao examinar a recorrência da noção de "cidade maravilhosa", a autora demonstra como diferentes mídias produzem narrativas que articulam desejo de modernidade, espetáculo e imagens idealizadas do espaço urbano, operando uma seleção simbólica que silencia conflitos e contradições (Jaguaribe, 2011). Nesse processo, a memória urbana é reorganizada de modo a sustentar um imaginário desejável da cidade, no qual o passado é frequentemente convocado como repertório legitimador de demandas do presente.

Como destacado, essa dinâmica tende a se intensificar na cultura digital e, também, contextos das metrópoles comunicacionais descritas por Canevacci (2004), nas quais os fluxos de imagens, informações e narrativas atravessam o espaço urbano de maneira contínua e descentralizada. Para o autor, a cidade contemporânea se constitui como um espaço comunicacional híbrido, no qual múltiplas temporalidades e linguagens se sobrepõem, produzindo imaginários fragmentados e em constante transformação.

Segundo Giddens (2003), as rotinas cotidianas estruturam a vida social ao sustentar a percepção de continuidade do mundo e a confiança na estabilidade dos contextos nos quais os indivíduos atuam. A segurança ontológica, nesse sentido, refere-se à confiança na permanência da própria identidade e na previsibilidade das estruturas sociais e materiais que organizam a experiência. Em contextos marcados por transformações aceleradas e por instabilidade, como os da cultura no digital e das cidades contemporâneas, tais referências tendem a se fragilizar.

Nessa perspectiva, a nostalgia funcionaria como um mecanismo de estabilização/manutenção simbólica, capaz de oferecer referências em meio à volatilidade das experiências urbanas modernas, tendo as mídias digitais na contemporaneidade, portanto, como espaço de encontro, circulação e segurança ontológica (Giddens, 2003).

A partir da constante e da profunda imersão tecnológica, observa-se, portanto, o fortalecimento de uma nostalgia mediada por processos de circulação, remixagem e compartilhamento de memórias coletivas. Plataformas de *chatbot* de inteligência artifi-

cial conversacional como o ChatGPT, Sora, Gemini (Veo), além de redes como TikTok, Instagram e Facebook consolidam-se como espaços de ativação da memória urbana, nos quais imagens da cidade, relatos pessoais e arquivos visuais são continuamente construídos, atualizados e engajados. Nesse contexto, segundo Henriques (2020), determinados usos das plataformas digitais podem ser compreendidos, portanto, como dispositivos de rememoração urbana, operando na produção discursiva da memória coletiva em ambientes digitais.

Sob essas condições, portanto, a inteligência artificial passa a integrar os processos de mediação de afetos e da memória sobre as cidades. A IA participa da construção de imaginários urbanos nostálgicos, frequentemente reforçando estéticas do passado e emoções associadas à perda, à saudade e ao pertencimento, contrapondo, com certo anacronismo, valores e práticas socioculturais de diferentes períodos. Como sugere Balbi (2022), tais processos podem engendrar também, além da reativação de memórias, novas tramas de sentido, nas quais a técnica se articula diretamente à experiência afetiva.

Com essas transformações, emerge a noção de nostalgia digital, caracterizada pela circulação intensiva de imagens, objetos e narrativas do passado em suportes tecnológicos contemporâneos. Diferentemente da nostalgia "analógica", marcada pela materialidade da memorabilia e pela passagem tangível do tempo, a nostalgia digital se ancora em arquivos reproduzíveis, algoritmicamente operados e permanentemente disponíveis, o que altera profundamente as formas de relação com a memória e com a cidade no contemporâneo (Niemeyer, 2018). A cultura da circulação digital, portanto, promove esse processo ao intensificar a disseminação de conteúdos nostálgicos, frequentemente dissociados de seus contextos históricos originais, o que contribui para a produção de anacronismos.

Dessa forma, a articulação entre imaginário urbano, nostalgia e cultura digital permite compreender a memória urbana como um processo relacional e historicamente situado, atravessado por mediações simbólicas, técnicas e comunicacionais. A nostalgia, longe de se restringir a uma evocação do passado, constitui-se como prática cultural por meio da qual temporalidades são reorganizadas, afetos são mobilizados e sentidos sobre a cidade são continuamente produzidos e disputados.

Nesse quadro, os estudos sobre a representação da cidade configuram-se como um campo privilegiado de observação das transformações contemporâneas nas formas de lembrar, narrar e experienciar o espaço urbano, especialmente no contexto da cultura digital e de suas dinâmicas algorítmicas, que passam a intervir de modo crescente na mediação da memória e do imaginário urbano.

Inteligência artificial e memória sintética

A incorporação crescente da Inteligência Artificial nos processos comunicacionais tem produzido deslocamentos significativos na forma como o passado é acessado, reconstruído e experienciado nas mídias contemporâneas (Magnolo, 2024b). Se, historicamente, a memória coletiva esteve associada a arquivos, documentos e imagens

indexadas, as recentes criações audiovisuais por IA inauguram um regime no qual o passado não é recuperado, mas gerado. Nesse contexto, a mediação algorítmica passa a ocupar um lugar central na produção de narrativas visuais e sonoras que simulam temporalidades pretéritas, reorganizando as formas de lembrar e de se relacionar com o passado.

Esse deslocamento recoloca questões clássicas dos estudos da memória. Como argumenta Nora (1997), a memória se constitui a partir de quadros de referência que organizam a relação entre passado e presente. No entanto, quando tais quadros passam a ser produzidos por sistemas artificiais, o que está em jogo não é apenas a preservação ou o esquecimento, mas a própria reconfiguração das práticas de rememoração (Magnolo, 2024b). A Inteligência Artificial atua como uma tecnologia capaz de reconstruir visualmente o passado por meio da recombinação de dados, estilos e repertórios culturais, produzindo imagens “historicamente verossímeis”, embora destituídas de lastro documental direto.

Nesse regime, a nostalgia mediada pela IA se ancora na autenticidade histórica e na capacidade de gerar reconhecimento afetivo. As imagens produzidas mobilizam signos amplamente associados a determinadas épocas, arquiteturas, objetos, vestimentas, paletas cromáticas e atmosferas urbanas, que ativam imaginários coletivos e memórias culturalmente compartilhadas. Trata-se menos de um passado “como foi” e mais de um passado “como é lembrado” ou desejado, o que aproxima essas criações daquilo que Boym (2001) define como nostalgia reflexiva, marcada pela consciência de sua artificialidade e pela contemplação melancólica de um tempo irrecuperável.

A partir dessas operações, pode-se falar na emergência de uma memória sintética, entendida como uma forma de memória que não deriva da experiência vivida nem da documentação histórica, mas da simulação algorítmica de temporalidades passadas. Diferentemente da memória arquivística, a memória sintética é produzida por processos de reconhecimento de padrões, aprendizado de máquina e recombinação de dados visuais e culturais (Regis, 2012; Boden, 2020). Ela não busca restaurar o passado, mas torná-lo sensorialmente acessível e emocionalmente plausível no presente.

Nesse sentido, como argumentam Magnolo e Henriques (2024a), a Inteligência Artificial atua como uma tecnologia de reconstrução do passado, capaz de reorganizar fragmentos, rastros digitais e repertórios imagéticos em novas narrativas visuais. A memória mediada por sistemas inteligentes passa a operar menos como testemunho e mais como simulação, o que desloca as fronteiras entre lembrança, imaginação e história. A produção dessas imagens recupera os vestígios, mas, também, cria versões possíveis do passado, atravessadas por disputas simbólicas, afetivas e culturais.

Os efeitos de verossimilhança desempenham papel central nesse processo. Movimentos de câmera simulados, granulações artificiais, imperfeições visuais e ambientações sonoras contribuem para uma estética pseudo-documental, intensificando a sensação de presença e de proximidade. Ainda que essas imagens não correspondam a registros históricos específicos, elas mobilizam códigos tradicionalmente associados à memória audiovisual, reforçando a impressão de autenticidade. Tal dinâmica dialoga com o que Huyssen (2000) descreve como a intensificação das práticas memorialísticas nas culturas midiáticas, agora potencializadas por tecnologias inteligentes.

Além disso, ao operar simultaneamente como tecnologia do futuro e produtora de imagens do passado, a IA embaralha as temporalidades. O passado gerado por essas ferramentas é frequentemente indeterminado, híbrido e anacrônico, resultado da sobreposição de referências históricas, estéticas e midiáticas diversas. Esse “passado composto”, como chamamos aqui, amplia a potência afetiva da nostalgia, uma vez que permite múltiplas projeções e identificações, ao mesmo tempo em que evidencia o caráter construído e mediado da memória.

Dessa forma, a Inteligência Artificial, para além de representar o passado, o reimagina como experiência sensível e compartilhável nas plataformas digitais. Ao atuar como ferramenta contemporânea de nostalgia, ela redefine as relações entre memória, esquecimento e mediação midiática, instaurando um regime no qual o passado é continuamente produzido, reconhecido e atualizado no presente, independentemente de sua existência histórica efetiva.

Imaginários algorítmicos, Rio de Janeiro e IA: um estudo de caso

Com base na proposta metodológica de Robert Yin (2015), este estudo foi desenvolvido a partir de um processo estruturado e iterativo, característico do método de estudo de caso. A etapa inicial de planejamento consistiu na definição do problema de pesquisa e das questões orientadoras, voltadas à compreensão de como a nostalgia associada ao Rio de Janeiro está sendo mediada por imagens produzidas por sistemas de inteligência artificial no contemporâneo. O interesse recai sobre as formas pelas quais esses vídeos produzem sentidos nostálgicos, reorganizam temporalidades e constroem imaginários urbanos sobre a cidade em ambientes digitais.

O estudo de caso, que reúne produção sistemática, recorrente e amplamente circulada de vídeos, mostra-se pertinente por tratar-se de um fenômeno atual, situado em seu contexto real de compartilhamento, a rede social Instagram, e atravessado por múltiplas dimensões simbólicas, técnicas e afetivas, que demandam uma abordagem qualitativa e ampliada.

Além disso, o conjunto de postagens configura um exemplo expressivo da transição de uma memória baseada em arquivos históricos para um regime de memória sintética, no qual o passado pode ser construído a partir dos dados gerados por algoritmos com a recombinação de repertórios visuais e culturais. Conforme apontam Boym (2001), Niemeyer (2018) e Magnolo (2024b), a nostalgia nas mídias digitais opera como prática cultural situada, atravessada por afetos e disputas simbólicas, aspecto que pode ser observado no caso analisado.

Na etapa de projeto, o caso foi definido como o uso da inteligência artificial na produção de vídeos nostálgicos sobre o Rio de Janeiro publicados no perfil @dougigsouza no Instagram. A unidade de análise é composta por um conjunto selecionado de sete vídeos que recriam atmosferas do passado da cidade, abrangendo diferentes períodos históricos e imaginários temporais.

A escolha do perfil @dougigsouza como objeto empírico deste estudo de caso, justifica-se por sua relevância quantitativa, recorrência temática e centralidade na pro-

dução recente de conteúdos audiovisuais gerados por Inteligência Artificial voltados à representação urbana.

O perfil é administrado por Douglas Ignacio, profissional de *marketing* e criador de conteúdo especializado em IA, fundador da Runestone Studio, produtora responsável pela produção dos vídeos analisados. A vinculação do criador ao estúdio especializado nesse tipo de produção atribui ao *corpus* um caráter intencional e sistemático de experimentação estética e narrativa com tecnologias generativas.

Criado em outubro de 2014, o perfil reúne aproximadamente 304 mil seguidores, configurando-se como um espaço de ampla circulação e engajamento público. Os sete vídeos selecionados para o estudo acumulam, conjuntamente, cerca de 5,5 milhões de visualizações, indicador que evidencia sua expressiva capacidade de alcance e repercussão. Embora o perfil tenha sido originalmente utilizado para postagens de caráter pessoal, observa-se, a partir de abril de 2025, uma mudança editorial marcada pela incorporação recorrente de conteúdos produzidos por IA, especialmente voltados à reconstrução histórica, fabulação nostálgica e representação de paisagens urbanas.

A escolha desse perfil, portanto, não se fundamenta apenas em critérios de popularidade, mas na conjugação entre alcance expressivo, regularidade temática e profissionalização da produção algorítmica, elementos que o tornam exemplar para a investigação da nostalgia mediada por Inteligência Artificial nas redes sociais.

Trata-se de um caso particularmente pertinente para compreender como criadores, amparados por ferramentas generativas, participam ativamente da construção de imaginários urbanos e de memórias sintéticas em ambientes digitais de grande visibilidade. O delineamento adotado é o de um estudo de caso com múltiplos casos integrados, em que cada vídeo constitui um subcaso analisado a partir de uma matriz comum de categorias analíticas.

A fundamentação teórica articula os debates sobre nostalgia nas mídias, imaginário urbano, cultura digital e mediação algorítmica, especialmente a partir das contribuições de Boym (2001), Niemeyer (2018), Huyssen (2000) e Magnolo (2024b). Com base nesse referencial, foram definidas quatro categorias analíticas: (1) Temporalidade e nostalgia; (2) Memória sintética; (3) Imaginário urbano; e (4) Verossimilhança.

Na fase de preparação, não foi necessária a submissão do estudo a um comitê de ética, uma vez que o *corpus* analisado é composto por material de domínio público, disponibilizado em plataformas digitais abertas, sem envolvimento direto de seres humanos. Ainda assim, as implicações éticas relacionadas à produção de memória, à simulação do passado e à mediação algorítmica são consideradas transversalmente na análise.

Cabe destacar que todos os vídeos analisados apresentavam o rótulo de identificação de conteúdo gerado por Inteligência Artificial, disponibilizado pela própria plataforma da Meta. Essa sinalização, visível aos usuários, facilita o reconhecimento da natureza sintética das imagens e está em conformidade com as diretrizes da Meta para publicações que utilizam tecnologias generativas. A presença desse marcador contribui para a transparência informacional e para a contextualização do conteúdo no ambiente digital, aspecto relevante tanto do ponto de vista ético quanto analítico.

O protocolo metodológico foi estruturado a partir de uma matriz analítica aplicada de forma sistemática aos vídeos selecionados, organizados segundo critérios temporais, temáticos e narrativos.

A produção de dados concentrou-se em sete vídeos publicados³ no perfil analisado (@dougigsouza) (em 19 mai. 2025; 9 jun. 2025; 7 ago. 2025; 30 set. 2025; 21 out. 2025, 30 nov. 2025 e 7 jan. 2026), complementada pela observação de legendas e de comentários (veja o quadro 1). A triangulação entre as categorias analíticas, os elementos audiovisuais e o contexto sociocultural de circulação dos conteúdos garantem maior consistência interpretativa, permitindo compreender tanto os aspectos formais das imagens quanto seus efeitos simbólicos e afetivos.

A análise dos dados combinou a descrição aprofundada dos casos com o exame de explicações rivais, especialmente entre a hipótese de que os vídeos operariam apenas como exercícios estéticos e a hipótese de que atuariam como dispositivos ativos de mediação da memória e da nostalgia urbana.

A análise também recorreu à síntese cruzada entre os casos, identificando padrões recorrentes, como a idealização da cidade, o uso de estéticas documentais, a sobreposição de temporalidades e a ativação de afetos ligados ao pertencimento e à saudade. As técnicas analíticas empregadas foram a combinação de padrão, a partir da comparação entre os vídeos e as categorias definidas, e a construção da explicação, buscando compreender como e por que a inteligência artificial se consolida como tecnologia de produção da nostalgia sobre as cidades nas mídias digitais.

Quadro 1 - Vídeos analisados no perfil @dougigsouza no Instagram

VÍDEO/ DATA	LEGENDA	TEMA	VISUALI- ZAÇÕES	DISPONÍVEL EM:
(1) 19 mai. 2025	BORA VIAJAR PARA O RIO DE JANEIRO NOS ANOS 70 COM A.I?  Videozinho de leve testando tecnologias novas na stack.	Rio de Janeiro Anos 70	38 mil	https://www.instagram.com/p/DJ2WuNaRcHQ/
(2) 9 jun. 2025	E SE NEVASSE NO RIO DE JANEIRO? 🤖 Quer aprender IA? Link na bio! Quer fazer um vídeo para sua empresa? Inbox na @runestone.ia	Rio de Janeiro eventos climáticos extremos	1,4 milhão	https://www.instagram.com/p/DKsS3kGxX3O/
(3) 7 ago. 2025	Rio de Janeiro ou Europa? 🤖 Algumas fotos do RJ no final do século XIX e começo do século XX transformadas em vídeos através de IA. → Quer aprender? Link na bio! → Contrate a @runestone.ia e faça vídeos para sua empresa.	Rio de Janeiro Anos 1910 e 1920	537 mil	https://www.instagram.com/p/DNEA8CBR9x7/

3 No período selecionado para a análise não houve publicação compatível com a temática “Rio de Janeiro” nos meses de julho e dezembro de 2025.

(4) 30 set. 2025	🌟 Você sabia que o Cristo Redentor quase não existiu? 😱 Do sonho de um padre francês em 1859 até a inauguração em 1931, a história desse gigante é cheia de reviravoltas — abaixo-assinado de 20 mil mulheres, esculturas feitas em Paris e cinco anos de obras no Corcovado. Hoje, com 38 metros de altura e mais de mil toneladas, o Cristo é uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno e o maior símbolo do Brasil 🌟	Histórias do Rio de Janeiro - Construção do Cristo Redentor	76,9 mil	https://www.instagram.com/p/DPPOgpyER8t/
(5) 21 out. 2025	Bora pro Rio de Janeiro em 1920? Quer fazer vídeos de IA para sua empresa? Chama inbox!	Rio de Janeiro Anos 20	2,6 milhões	https://www.instagram.com/p/DQErsq1DRHm/
(6) 30 nov. 2025	Bora pro Carnaval do Rio de Janeiro em 1920? 🎉🤖 Quer fazer vídeos para sua empresa? → inbox na @runestone.ia	Rio de Janeiro Anos 20 - Carnaval	507 mil	https://www.instagram.com/p/DRrp0UKjZug/
(7) 7 jan. 2026	Um viagem no tempo e na história da Cidade Maravilhosa 💖 Do centro as praias, do Corcovado ao Largo do Boticário: o Rio é extraordinário! A journey through time and the history of the Marvelous City 💖 From downtown to the beaches, from Corcovado to Largo do Boticário — Rio is extraordinary!	Rio de Janeiro Início do séc. XX	395 mil	https://www.instagram.com/p/DTNnmySAG_p/

Fonte: Instagram @dougigsouza (2026); Autores (2026).

Por fim, na última etapa de relato, o estudo apresenta a interpretação dos resultados e uma discussão crítica sobre os impactos da Inteligência Artificial na mediação da memória urbana e da nostalgia contemporânea.

A aplicação das quatro categorias analíticas definidas neste estudo baseou-se em um protocolo sistemático de observação. Esse protocolo orientou a identificação dos modos pelos quais as produções audiovisuais geradas por inteligência artificial constroem narrativas nostálgicas sobre o passado do Rio de Janeiro, articulando temporalidades, memória, imaginário urbano e efeitos de verossimilhança a partir de indicadores estéticos, narrativos e de linguagem.

A categoria “Temporalidade e Nostalgia” concentra-se nos modos de organização do tempo nas narrativas audiovisuais, considerando aspectos como a evocação de períodos históricos, a fragmentação temporal, a presença de anacronismos e a recombinação de signos de diferentes épocas.

No item “Memória Sintética”, focamos na análise do papel da inteligência artificial como agente de produção da memória. Diferentemente de práticas baseadas na recuperação de arquivos históricos, observamos como os vídeos analisados operam a partir da geração sintética de imagens, sons e ambientes que simulam o passado sem recorrer necessariamente a registros previamente indexados pelo operador dos *prompts*.

Nesse sentido, foram examinados os processos de recombinação de repertórios visuais e culturais, a ausência/presença de lastro documental direto e os efeitos de reconhecimento produzidos por essas simulações. Essa categoria permitiu compreender a emergência de uma memória produzida artificialmente, na qual o passado é criado como experiência sensível e emocionalmente plausível no presente.

Na categoria “Imaginário Urbano”, a análise dedica-se às representações do Rio de Janeiro como espaço simbólico e afetivo, a partir da recorrência de paisagens, práticas culturais e cotidianos urbanos que operam como marcadores de familiaridade e reconhecimento coletivo.

Por fim, a categoria “Verossimilhança” examinou os efeitos de realidade produzidos pelas criações audiovisuais, considerando recursos formais e estéticos, como textura da imagem, iluminação, movimentos simulados e trilhas sonoras, que acionam códigos culturalmente associados à memória audiovisual. A seguir, apresentamos uma síntese comparativa dos resultados observados a partir da submissão dos vídeos a cada uma das categorias.

A análise dos dados produzidos revela um conjunto de operações simbólicas, estéticas e narrativas por meio das quais a inteligência artificial é mobilizada para produzir uma nostalgia urbana específica, marcada pela idealização, pela normalização afetiva do passado e pela atenuação de conflitos históricos e sociais.

Embora cada vídeo explore recortes variados, como: cotidiano, clima extremo, monumentalidade, vida íntima, Carnaval e/ou paisagem urbana totalizante, observa-se uma lógica comum de construção de sentido a partir de cada uma das quatro categorias analíticas, acompanhada de variações significativas que ajudam a compreender os alcances e os limites dessa nostalgia mediada pela tecnologia.

No que se refere à “Temporalidade e Nostalgia”, identifica-se a recorrência do afastamento de uma reconstrução histórica rigorosa em favor de temporalidades flexíveis, híbridas ou normativas. Em alguns vídeos, o passado aparece pouco delimitado, funcionando como um “tempo ideal” no qual valores contemporâneos, convivência, ordem, elegância, estabilidade emocional são projetados retrospectivamente.

Mesmo quando haja datas explícitas e linearidade cronológica, como nos vídeos sobre o Cristo Redentor (4) e o Carnaval de 1920 (6), a temporalidade é organizada de forma teleológica e conciliadora, reduzindo ambiguidades e tensões.

As diferenças entre os vídeos, nesse primeiro quesito encontram-se principalmente no tipo de nostalgia mobilizada: enquanto alguns acionam uma nostalgia do desejo e do não vivido, como a nevasca na cidade (2) ou os passeios urbanos na antiga Copacabana (3), outros constroem uma nostalgia normativa, que propõe o passado

mediado como referência moral e/ou civilizatória para determinar o presente, caso do vídeo 5, que apresenta uma jovem sendo cortejada no portão de casa, passando pela formalidade do pedido de casamento até a união idealizada no altar. Em todos os casos, porém, o passado é menos um objeto de questionamento histórico e mais um recurso simbólico para organizar expectativas e afetos atuais.

Conforme apontado por Boym (2001), a nostalgia não se refere única e exclusivamente ao passado, mas àquele sentimento “agridoce” de saudade. Por vezes, relacionada à saudade daquilo que, de fato, vivemos, mas, em outros momentos, quando sentimos saudades daquilo que nunca vamos viver. No caso dos exemplos elencados acima, propomos essa visão de nostalgia, apesar de não ser o foco deste trabalho, mas apontando seus diversos caminhos possíveis.

A seguir, apresentamos um exemplo de um vídeo feito com IA e que usou, como base de criação, fotografias antigas do Rio de Janeiro, cuja legenda diz:

Rio de Janeiro ou Europa? 😲 Algumas fotos do RJ no final do século XIX e começo do século XX transformadas em vídeos através de IA. [...]. Este vídeo foi criado a partir de imagens reais do Rio de Janeiro, registradas entre os séculos XIX e XX. As fotografias foram encontradas em diversas fontes da internet, e, por isso, pode haver imprecisões quanto às datas exatas. Vale destacar que, por se tratarem de fotos antigas e geralmente em baixa qualidade, a reconstrução visual enfrenta limitações técnicas. [...]. Este vídeo não tem a pretensão de ser um documento histórico, mas sim uma reconstrução artística baseada em registros da época (@runestone.ia, meio digital, 2026).

Imagem 1 - Capturas de tela da postagem “Rio de Janeiro ou Europa?”



Fonte: Captura de tela realizada no dia 04 de fevereiro de 2026.

Fotografias em preto e branco ganham cores e movimento através deste vídeo. O som é ambiente, urbano, onde podemos ouvir o bondinho passando, pessoas con-

versando nas ruas, o mar batendo na areia e os passarinhos cantando em lugares onde a urbanização não tinha chegado. Personagens aparecem, com suas vestimentas de época e, em especial, de acordo com suas respectivas ocupações e classes sociais.

No exemplo acima, o espectador acompanha o vídeo pelo olhar “da câmera”, movimentos que, por vezes, simulam o movimento de um drone que sobrevoa os cenários. Mas, e quando a nostalgia carrega traços contemporâneos? Em outubro de 2025, a página fez uma postagem (5) que convida o espectador a acompanhar uma personagem pelo Rio de Janeiro da década de 1920. Esse vídeo traz características curiosas, ao apresentar, prontamente, uma mulher que, aparentemente, segura a câmera em sua mão, no formato “selfie” e nos leva para este passeio. Ao contrário do exemplo anterior, esse vídeo traz como trilha sonora a música “Aquarela do Brasil”, interpretada por Ary Barroso.

Imagem 2 - Capturas de tela da postagem “Rio de Janeiro ou Europa?”



Fonte: Captura de tela realizada no dia 04 de fevereiro de 2026.

Aqui, acompanhamos o passeio e os momentos desta personagem, que anda pela praia de Copacabana, anda de carro no centro da cidade, passeia com sua amiga e fica noiva de seu companheiro. O olhar aqui é desta personagem, que ganha uma personalidade através do vídeo.

Nesta mesma temática, na postagem de novembro de 2025 (6), que acompanha diversos personagens pelo Carnaval do Rio, em 1920. Eles “conversam” diretamente com o espectador, falando curiosidades sobre as festividades, fantasias, vestimentas, tradições, o samba e as marchinhas. O vídeo é embalado pela tradicional marchinha de carnaval “Ô abre alas!”, de Chiquinha Gonzaga. A seguir, apresentamos a transcrição de um trecho do vídeo e, entre parênteses, identificamos os personagens.

(Personagem 1) Sabe que dia é hoje? É dia de Carnaval aqui no Rio de Janeiro. Estamos em 1920. Vem comigo para a Avenida Rio Branco!
 (Personagem 2) Independente do estilo, as roupas são cheias de detalhes e muitas feitas à mão, meses antes do Carnaval. (Personagem 3) A maioria dos cavalheiros preferem manter a elegância, com terno de linho e chapéu palheta é nosso uniforme. (Personagem 4) O foco do Carnaval é aqui na Avenida Rio Branco. É aqui onde passam os carros

conversíveis das famílias ricas, jogando confetes e serpentinas [...]. (@runestone.ia, meio digital, 2026).

Imagem 3 - Capturas de tela da postagem “Bora pro Carnaval do Rio de Janeiro em 1920?”



Fonte: Captura de tela realizada no dia 04 de fevereiro de 2026.

A categoria “Memória Sintética” atravessa todo o corpus como eixo estruturante. De modo recorrente, a tecnologia não é utilizada apenas para animar arquivos ou ilustrar fatos, mas para produzir memórias que nunca existiram como tais, dotadas de coerência visual, emocional e narrativa. Ou seja, há um deslocamento da tecnologia como instrumento auxiliar da criação para a tecnologia como coautora dessas narrativas, ainda que direcionada pelos *prompts* do operador/usuário do perfil.

Observa-se uma tendência à homogeneização do passado: conflitos, improvisos e contradições são suavizados em favor de narrativas contínuas e legíveis. Em alguns vídeos, essa memória sintética assume caráter ficcional e afetivo, criando histórias de vida, romances ou experiências cotidianas plausíveis, como o casamento citado anteriormente (5). Em outros, opera como visualização didática da história, preenchendo lacunas documentais com imagens convincentes, como a história da construção do Cristo Redentor (4). A seguir, apresentamos alguns frames deste vídeo:

Imagem 4 - Capturas de tela da postagem “Você sabia que o Cristo Redentor quase não existiu?”



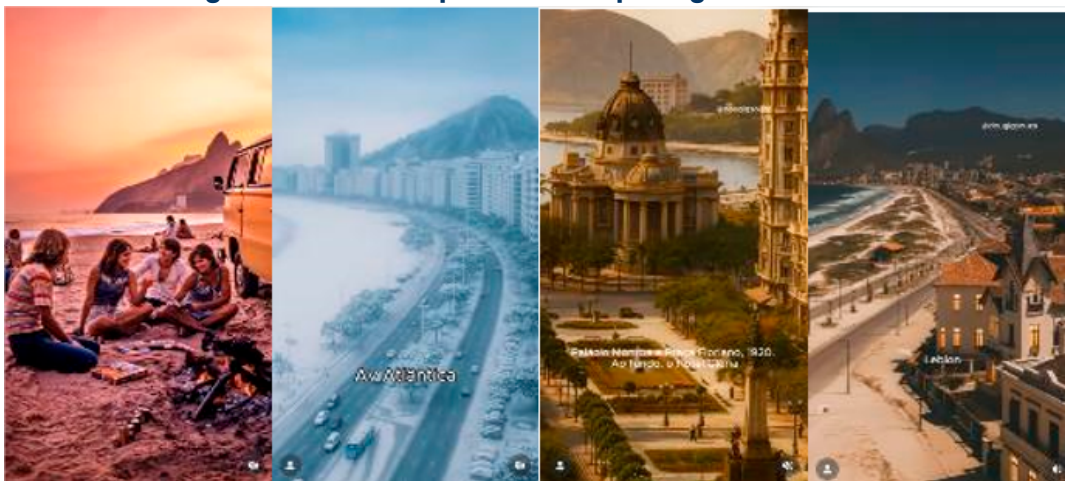
Fonte: Captura de tela realizada no dia 04 de fevereiro de 2026.

Nessa categoria destacamos a recorrência de anacronismos (selfies, enquadramentos contemporâneos, urbanizações fora de época) que não são tratados como problema, mas como estratégia de aproximação afetiva, reforçando a ideia de que a função principal da memória sintética não é a fidelidade histórica, mas a conectividade emocional entre passado e presente.

No âmbito do “Imaginário Urbano”, os resultados apontam para a frequência de seleção simbólica e de hierarquização espacial. Os vídeos gerados privilegiam áreas centrais e a zona sul carioca, monumentos, praias, avenidas e cartões-postais, construindo um Rio de Janeiro reconhecível, estetizado e amplamente consensual.

A cidade aparece, na maioria das vezes, como espaço de convivência harmônico, lazer e contemplação, funcionando como refúgio afetivo frente ao presente urbano percebido como caótico. Mesmo quando a periferia está em cena, sua representação é episódica e pouco tensionada, aparecendo como pano de fundo ou contraponto silencioso, sem desestabilizar o imaginário dominante produzido. A seguir, apresentamos alguns exemplos:

Imagem 5 - Frames apresentam a paisagem do Rio de Janeiro⁴



Fonte: Captura de tela realizada no dia 04 de fevereiro de 2026.

As distinções entre os vídeos têm relação com o grau de centralização desse imaginário: enquanto alguns constroem uma cidade totalizante e sem fraturas, com uma imagem de um Rio de Janeiro universal traduzido pelas áreas centrais e sul, como o vídeo 3, sobre a cidade no início do século XX, com as ruas ordenadas e a orla e os parques silenciosos, nos quais é possível escutar as aves. Outros vídeos revelam fissuras sutis, como desigualdades raciais, de classe ou de acesso à festa, observados no vídeo 6, por exemplo, sobre o Carnaval em 1920, que emergem sobretudo na circulação do conteúdo e nos comentários dos usuários, que questionam sobre a festa popular ser realizada exclusivamente por brancos como a produção apresenta. Ainda assim, a lógica predominante é a da cidade ordenada e funcional, mais simbólica e idealizada do que socialmente concreta.

Por fim, o item “Verossimilhança” aparece, de forma transversal, como mecanismo fundamental de adesão emocional. Em todos os vídeos, os efeitos de realidade

4 Da esquerda para direita, frames do vídeo 1; vídeo 2; vídeo 3; vídeo 5.

não se apoiam, necessariamente, na precisão factual/documental, mas na coerência estética e narrativa: como na iluminação e nos filtros utilizados (o sépia, que confere sentido de antiguidade ao material, por exemplo); nas paisagens naturais visualmente impactantes, especificamente selecionadas e apresentadas; nas trilhas sonoras emblemáticas (com clássicos do cancioneiro nacional, “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso, e “Ô Abre Alas!”, de Chiquinha Gonzaga); nos sons ambientes (ondas quebrando na orla, pessoas conversando nos cafés da Av. Rio Branco, sem buzinas e sirenes); nos gestos ritualizados (o pedido de casamento ajoelhado, o beijo na bochecha da jovem durante o cortejo); e nos enquadramentos panorâmicos da cidade e suas construções históricas.

A verossimilhança, portanto, opera como estratégia de legitimação afetiva, permitindo também que cenários improváveis (como a nevasca na cidade), anacrônicos (a Lagoa Rodrigo de Freitas urbanizada já na transição entre os séculos XIX e XX) ou altamente seletivos (como a vida íntima e cotidiana nos casarões da elite carioca) sejam aceitos como “passados possíveis”.

De modo geral, o resultado do estudo indica que os vídeos compartilham uma mesma lógica de fundo: a utilização da inteligência artificial como tecnologia de estabilização simbólica de um passado, capaz de transformar a memória urbana em experiência afetiva acessível, compartilhável e amplamente consensual.

Imagem 6 - Frames destacam a vida social na cidade do Rio de Janeiro⁵



Fonte: Captura de tela realizada no dia 04 de fevereiro de 2026.

A análise das quatro categorias evidencia que as produções audiovisuais geradas por inteligência artificial compartilham uma lógica comum de construção da nostalgia urbana, baseada na articulação entre memória sintética, verossimilhança estética e imaginários urbanos amplamente reconhecíveis. Ainda que os vídeos explorem recortes temáticos distintos, observa-se a recorrente idealização do passado e a produção de narrativas conciliadoras, que reorganizam temporalidades e afetos em torno de uma imagem consensual da cidade. Nesse sentido, os vídeos analisados não apenas evocam o passado, mas o reconfiguram como experiência sensível e emocionalmente

⁵ Da esquerda para direita, frames do vídeo 5; vídeo 6; vídeo 7; vídeo 1.

acessível, reforçando o papel da inteligência artificial como tecnologia contemporânea de mediação da memória e da nostalgia nas mídias digitais.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo compreender de que modo a inteligência artificial atua como tecnologia contemporânea de mediação da nostalgia urbana, a partir da análise de vídeos publicados na página @dougigsouza no Instagram, que reimaginam o passado da cidade do Rio de Janeiro por meio de criações audiovisuais sintéticas. Ao deslocar o foco da recuperação de arquivos históricos para a geração algorítmica de imagens, o estudo evidenciou transformações significativas nas formas de produção, circulação e reconhecimento da memória nas mídias digitais.

Uma primeira questão que se impõe diz respeito ao que muda quando a nostalgia passa a ser gerada por inteligência artificial. Diferentemente das práticas nostálgicas ancoradas em documentos, fotografias ou testemunhos do passado, a nostalgia mediada por IA opera pela simulação verossímil de temporalidades pretéritas, produzindo imagens que não remetem necessariamente a acontecimentos específicos, mas a repertórios culturais amplamente compartilhados.

Nesse regime, o passado deixa de ser recuperado como vestígio e passa a ser construído como experiência sensível e afetiva no presente, o que redefine os modos de relação entre memória, temporalidade e mediação midiática.

Os resultados permitem afirmar que a inteligência artificial pode ser compreendida como uma ferramenta contemporânea de nostalgia. Mais do que um instrumento técnico de criação audiovisual, a IA atua como dispositivo cultural capaz de organizar afetos, estabilizar imaginários e produzir sentidos de pertencimento. Ao recombinar signos urbanos, estéticas documentais e atmosferas reconhecíveis, os vídeos analisados operam uma nostalgia que não busca restaurar o passado, mas torná-lo emocionalmente acessível, compartilhável e socialmente reconhecível nas plataformas digitais.

Essa dinâmica tensiona diretamente a relação entre memória, fatos históricos e memória artificial. A análise revelou que a memória sintética produzida pelos vídeos tende a flexibilizar a precisão histórica em favor da coerência narrativa e da adesão afetiva. Conflitos sociais, desigualdades urbanas e tensões históricas são frequentemente atenuados ou silenciados, enquanto o passado é apresentado como um espaço ordenado, harmônico e desejável. Esse processo não deve ser compreendido apenas como distorção ou falsificação, mas como uma reconfiguração das lógicas de rememoração no ambiente digital, na qual a verossimilhança emocional assume centralidade em relação à fidelidade factual.

Ao mesmo tempo, os resultados apontam para a nostalgia como uma economia de afetos nas redes sociais. As criações audiovisuais por inteligência artificial circulam como bens simbólicos capazes de gerar engajamento, reconhecimento e identificação, oferecendo ao público experiências de conforto, familiaridade e pertencimento em meio às incertezas do presente. A nostalgia, nesse contexto, opera como recurso

afetivo e comunicacional, articulando memória, imaginação e desejo em uma lógica de circulação algorítmica orientada pela visibilidade e pela adesão emocional.

A página @dougigsouza revela, assim, como a inteligência artificial vem sendo mobilizada para produzir narrativas nostálgicas sobre a cidade do Rio de Janeiro, reforçando imaginários urbanos historicamente consolidados. Os vídeos analisados constroem uma imagem da cidade marcada pela estetização, pela centralidade de cartões-postais e pela normalização de determinadas experiências urbanas, evidenciando o papel da IA na estabilização simbólica de um passado consensual e afetivamente positivo.

Ao mesmo tempo, as reações e os comentários dos usuários indicam que essas narrativas não são recebidas de forma homogênea, abrindo espaço para disputas interpretativas e questionamentos sobre representação, exclusão e autenticidade.

Por fim, este estudo aponta pistas importantes para pesquisas futuras. O amplo volume de dados coletados, bem como a diversidade temática dos vídeos analisados, abre possibilidades para investigações comparativas com outras cidades, outras páginas ou diferentes plataformas digitais. Estudos voltados à recepção dos conteúdos, às lógicas algorítmicas de circulação ou às implicações éticas da produção de memória artificial também se mostram caminhos promissores.

Referências

BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. História da Historiografia: **International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017. DOI: 10.15848/hh.v0i23.1236. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>. Acesso em: 11 fev. 2026.

BODEN, Margaret. **Inteligência Artificial**: uma brevíssima introdução. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

CANCLINI, Nestor. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. **Opinião Pública**, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002, pp.40-53. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/hRBTBZLvtmdMQyhZfCZ43bf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2026.

CANEVACCI, Massimo. Metrópole comunicacional. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 63, p. 110-125, 2004. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i63p110-125. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13372>. Acesso em: 11 fev. 2026.

DOUGIGSOUSA. **E se nevasse no Rio de Janeiro?** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DKsS3kGxX3O/>. Acesso em: 04 fev. 2026.

DOUGIGSOUSA. **Rio de Janeiro pós-apocalipse**: acompanhe um sobrevivente. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DLayFllxmsK/>. Acesso em: 04 fev. 2026.

DOUGIGSOUZA. **Rio de Janeiro ou Europa?** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DNEA8CBR9x7/>. Acesso em: 04 fev. 2026.

DOUGIGSOUZA. **Bora para o Rio de Janeiro em 1920?** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DQErsq1DRHm/>. Acesso em: 04 fev. 2026.

DOUGIGSOUZA. **Bora pro Carnaval do Rio de Janeiro em 1920?** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DRrp0UKjZug/>. Acesso em: 04 fev. 2026.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. O Facebook como lugar de memória e nostalgia: análise da página História de Juiz de Fora. In: MUSSE, Christina; MEDEIROS, Theresa; HENRIQUES, Rosali (orgs.). **Nostalgia e memória no tempo das mídias**. Florianópolis: Editora Insular; Editora UFJF, 2020. 346-374 p.p.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
JAGUARIBE, Beatriz. Imaginando a “cidade maravilhosa”: modernidade, espetáculo e espaços urbanos. **Revista FAMECOS (Online)**, v. 18, p. 328-347, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/49551008003.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2026.

MAGNOLO, Talita Souza; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Memória: a reconstrução do passado através da Inteligência Artificial. **Revista Memorare**, v. 11, p. 1-18, 2024a.

MAGNOLO, Talita Souza. Imagens feitas por Inteligência Artificial: dilemas éticos e vieses no resgate do passado. **Revista Nava**, v. 1, p. 133-160, 2024b.

NORA, Pierre. **Le lieux de mémoire**. Paris: Quarto Gallimard, 1997.

NIEMEYER, Katharina. O poder da nostalgia. Sobre o papel e o lugar da mídia e da comunicação (acadêmicos) em estudos sobre nostalgia. In: SANTA CRUZ, Lucia; FERRAZ, Talitha (Orgs.). **Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2018. p.p. 29-46.

MUSSE, Christina Ferraz. Cultura, televisão e imaginário urbano. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 1, p. 223-234, 2013. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v7i1p223-234. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/56655>. Acesso em: 11 fev. 2026.

REGIS, Fátima. **Nós, ciborgues: tecnologias de informação e subjetividade homem-máquina**. PUCPress - Editora Universitária Champagnat; Curitiba, Paraná, 1ª edição, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Tradução: Cristhian Matheus Herrera. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Recebido em: 13 fev. 2026
Aprovado em: 10 jul. 2026